

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

REJANE APARECIDA NUNES DE SOUSA

ANALISE DA ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS E DA PROPOSTA
METODOLÓGICA DO LIVRO DIDÁTICO *FILOSOFANDO: INTRODUÇÃO À
FILOSOFIA*

UBERLÂNDIA

2019

REJANE APARECIDA NUNES DE SOUSA

ANALISE DA ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS E DA PROPOSTA
METODOLÓGICA DO LIVRO DIDÁTICO *FILOSOFANDO: INTRODUÇÃO À
FILOSOFIA*

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de
Filosofia da Universidade Federal
de Uberlândia para obtenção do
título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José
Benedito de Almeida Júnior.

Uberlândia

2019

Uberlândia, Julho de 2019

Banca Examinadora

Graduado e Especialista em Filosofia (UFU). **Ciro Amaro Fernandes**

Prof. Ms. **Lucas Nogueira Borges**

Prof. Dr. **José Benedito de Almeida Júnior.**

DEDICATÓRIA

Aos Anjos
E a todos que me apoiaram

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de Filosofia pela oportunidade de realizar este curso.

A todos os professores, professoras e aos funcionários da coordenação do curso de Filosofia:
Ericksen de Oliveira Dias e Ciro Amaro Fernandes Nascimento.

Em especial ao professor José Benedito Almeida Júnior que me acolheu e pelo empenho na orientação deste trabalho, e a amiga Antonina Ângela pela ajuda espiritual.

SUMÁRIO

Resumo.....	7
Introdução.....	8
Capítulo I- Leitura sobre a metodologia filosófica e a organização dos conteúdos.....	9
I.I. Discussão sobre a metodologia do ensino de filosofia.....	9
I.II. Propostas de elaboração de um curso de Filosofia.....	10
I.III. Explicação sobre o Fundamento Teórico Metodológico para o ensino de Filosofia.....	11
I.IV. <i>A perspectiva problematizante</i> no ensino de Filosofia.....	13
Capítulo II- Análise da organização dos conteúdos e da metodologia no livro didático- <i>Filosofando: Introdução à filosofia</i>	19
II.I Apresentação do livro <i>Filosofando</i>	19
II.II Síntese das Unidades.....	21
II.III Suplemento ao professor.....	27
Capítulo III- Proposta pedagógica dos livros didáticos: <i>Filosofando: introdução à filosofia</i> <i>e Iniciação à Filosofia</i>	30
III.I Proposta pedagógica do livro <i>Filosofando</i>	30
III.II Proposta pedagógica do livro <i>Iniciação à Filosofia</i>	36
Conclusão.....	39
Referência.....	40

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da organização dos conteúdos didáticos e a metodologia proposta no livro didático *Filosofando: Introdução à Filosofia*. No primeiro capítulo apresentaremos as teorias que nortearam a pesquisa, uma reflexão sobre os eixos estruturais dos conteúdos filosóficos e o método de ensino. No segundo capítulo faremos o registro da estrutura do livro em análise, para identificar de que modo as autoras organizaram os conteúdos. O último capítulo trata da proposta pedagógica dos livros *Filosofando* e *Iniciação à Filosofia*, onde verificamos de que modo as autoras expõem a questão da problematização no ensino de filosofia.

Palavras - chave: Ensino de Filosofia. Metodologia. Problematização. Eixos estruturais dos conteúdos.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the organization of the didactic contents and the methodology proposed in the textbook *Philosophy: Introduction to Philosophy*. In the first chapter we will present the theories that guided the research, a reflection on the structural axes of the philosophical contents and the method of teaching. In the second chapter we will record the structure of the book under analysis, to identify how the authors organized the contents. The last chapter deals with the pedagogical proposal of the books *Philosophizing* and *Initiation to Philosophy*, where we verify how the authors expose the question of problematization in the teaching of philosophy.

Key-words: Teaching Philosophy. Methodology. Problematization. Sctructural axes of contents.

Introdução

Nossa pesquisa foi motivada pela curiosidade em como adentrar o universo da sala de aula, uma necessidade de saber como abordar um livro didático de filosofia, como elaborar um plano de curso, como expor os conteúdos aos alunos. Durante a graduação, tivemos contato com disciplinas direcionadas a prática do ensino; adquirimos conhecimentos importantes, e tivemos interesse em aprimorar. Compreendemos que se trata de uma habilidade técnica, que pode ser adquirida e que existe material teórico disponível para tanto. Durante a pesquisa verificamos os diversos aspectos que conduzem o ensino de filosofia; as perspectivas que delimitam os conteúdos: História da Filosofia, Áreas e temas, são os eixos de orientação para planejar um curso de Filosofia. Podemos optar por qualquer um dos eixos, entretanto, se optarmos por áreas ou temas, em ambos estará presente a história da filosofia.

O método genético e o método conceitual que norteiam a apresentação dos conceitos filosóficos aos alunos; o primeiro refere-se à identificação do conceito e do filósofo que o produziu, quais fatos sociais influenciaram o filósofo na produção do conceito, suas leituras, sua biografia e etc. O segundo método trata da análise da obra de um autor, considerando apenas o que está escrito no livro, o importante é o conceito, sua construção, sua defesa, ou seja, a argumentação exibida para chegar as teses defendidas no texto. Podemos utilizar os dois métodos, entretanto, é necessário observar as desvantagens de ambos para evitar os riscos que implicam.

A abordagem problematizante vista como proposta didática; uma interessante reflexão sobre a problematização no ensino de filosofia. Problematizar é trazer o filósofo para o momento presente e dialogar com ele sobre a realidade atual. Os textos filosóficos colocam problemas e tentam responder sobre eles, ao trabalhar os textos com os alunos, orientamos a percorrerem caminhos que os levem a interpretação e a problematização, um importante momento que possibilita relacionar os conteúdos apreendidos com a própria realidade.

Acreditamos que o tema estudado é muito importante para a formação de professores e que pode melhorar a qualidade da relação com os alunos no espaço de construção do conhecimento. Mas trata-se de um tema ainda pouco explorado na Filosofia de um modo geral.

Capítulo I

Leitura sobre a metodologia filosófica e a organização dos conteúdos

Nossa pesquisa norteia-se pelo estudo dos teóricos do ensino de Filosofia e da Educação, através da leitura de dois artigos: *Fundamento Teórico Metodológico do ensino de Filosofia* e *Os Eixos de Organização dos Conteúdos e a Problematização no Ensino de Filosofia*, os quais o autor pesquisou os temas: A metodologia, a organização dos conteúdos didáticos e a problematização no ensino de Filosofia. O objetivo é compreender os princípios que orientam a prática de ensino em filosofia no Ensino Médio.

I.1 Discussão sobre a metodologia do ensino de filosofia

A metodologia do ensino em qualquer área do conhecimento tem por objetivo orientar o planejamento e a aplicação dos conteúdos didáticos. No campo da Filosofia compreendemos a proposta de Almeida Junior (2011) que expõe um fundamento teórico-metodológico para o ensino de filosofia oriundo da própria filosofia, o autor concentra suas reflexões sobre a tarefa de ensinar os conceitos dos filósofos que ocorre através dos temas, das áreas e da história da Filosofia. Para o autor o ensino de filosofia compreende duas etapas: ensinar os conceitos criados pelos filósofos e ensinar a filosofar, o filosofar é o exercício do pensar por conceitos, ocorre a partir de problemas propostos e desenvolvendo teorias e argumentos na busca de esclarecer tais problemas.

Almeida Junior está de acordo com Danelon (2010) que discorre sobre a necessidade de pensar o ensino de filosofia a partir dos referenciais das ciências da educação e também por um olhar próprio, o motivo é que existem questões específicas a serem abordadas pelas próprias disciplinas. Conforme Danelon é importante pensar o ensino da Filosofia partindo da própria filosofia, ou seja, pensar filosoficamente o ensino de filosofia seria pensar com a Filosofia o problema de seu ensino. (DANELON, 2010, p.3).

A preocupação do nosso autor em assinalar a dupla função do ensino de Filosofia surgiu ao identificar que alguns estudiosos priorizam o ensino do filosofar em prejuízo do ensino dos conceitos. Ele diz que ensinar os conceitos não é meramente transmitir informações nem tampouco incorre num exercício mnemônico para os alunos, dando exemplo de como Platão teria elaborado sua Alegoria da caverna, ele demonstra a necessidade de o professor ensinar o aluno os conceitos presentes nos textos filosóficos, pois, o ensino de filosofia abrange duas tarefas que são: compreender os problemas, os argumentos e as teorias presentes nos textos filosóficos e ensinar a filosofar.

I.II Propostas de elaboração de um curso de Filosofia

Sobre as formas de elaboração de um plano de curso, o autor apresenta três perspectivas nas quais podemos planejar um curso de Filosofia, são elas: A perspectiva da *História da Filosofia*; a perspectiva de *Áreas da Filosofia* e a perspectiva *temática*, além disso, aponta que alguns autores afirmam a existência de uma quarta perspectiva que seria a *problematizante*, porém, o autor acredita que essa perspectiva se refere ao método de ensino e tece uma reflexão sobre a problematização em filosofia da qual trataremos posteriormente com maior ênfase.

Na perspectiva da História da Filosofia, os conteúdos são divididos nos períodos históricos, por exemplo, história da Filosofia medieval que se divide em dois sub- períodos: Patrística e Escolástica. Na perspectiva de *Áreas da Filosofia* aborda-se o ensino fundamentado nas grandes áreas da Filosofia, por exemplo, Lógica, Teoria do conhecimento, Estética, Filosofia da Ciência, Metafísica, Filosofia da Linguagem, Filosofia Social e outras. As áreas da Filosofia também são subdivididas nos períodos da História da Filosofia: a Metafísica em Platão e Aristóteles; Metafísica Medieval; Metafísica em Descartes e Leibniz.

Por último apresenta-se a perspectiva da *Temática* que norteia o curso de Filosofia a partir de temas: conhecimento, aparência, ser, essência, verdade, bem, silogismo etc, estes temas são tratados por diferentes filósofos. O autor salienta que em qualquer eixo de orientação de trabalho escolhido pelo professor, estará presente a História da Filosofia.

I.III Explicação sobre o Fundamento Teórico Metodológico para o ensino de Filosofia

A ideia de propor um fundamento teórico-metodológico para ensinar os conceitos dos filósofos baseia-se em: “o que se costuma chamar de estruturalismo, presente num pequeno texto de Victor Goldschmidt *Tempo lógico e tempo histórico na interpretação dos textos filosóficos*” (ALMEIDA JUNIOR, 2011, p.41) o autor acrescenta que não tem intenção de propor um método a ser rigidamente seguido e que trata-se de uma proposta para investigar os fundamentos teóricos e metodológicos os quais professores de Filosofia norteiam seus trabalhos. E alerta que Goldschmidt (1963) elaborou sua reflexão com objetivo de estudar a pesquisa em filosofia, por esse motivo, sua adaptação do texto será deslocada para o ensino de filosofia.

Conforme o autor, Goldschmidt explicitou duas perspectivas para a interpretação de sistemas filosóficos, ele aponta que tanto a perspectiva histórica quanto a perspectiva conceitual ou dogmática são úteis na compreensão dos textos filosóficos, todavia, ambas apresentam desvantagens. Para Goldschmidt, haveria dois métodos de investigação em filosofia: o método genético ou histórico – permite compreender o tempo histórico de um sistema filosófico –, e o método dogmático – que permite compreender o tempo lógico de um sistema filosófico – o qual o autor considera possível usar o termo método conceitual pelo fato de que o termo dogma se aproxima da noção atual de conceito.

Vantagens e desvantagens dos dois métodos de investigação filosófica: sobre o método genético, o autor cita Goldschmidt que diz “[...] considera os conceitos como efeitos, sintomas, de que o historiador deverá escrever a etiologia (fatos econômicos e políticos, constituição fisiológica do autor, suas biografias, suas leituras, sua biografia intelectual etc.)” (GOLDSCHMIDT, 1963, p.139), o método genético vai analisar os problemas que orbitam a obra ou o conceito em particular escrito por um filósofo. Esse método introduz os estudos de um tema dado, ou de um filósofo particular, de uma área ou de um período histórico fundamentando-se em fatores externos, são estes fatores tanto de ordem social – econômicos, culturais, políticos –, como de ordem pessoal – a robustez de Sócrates, a fragilidade física de Rousseau e Nietzsche – também na ordem pessoal do filósofo inclui-se que “as leituras do filósofo sejam elas filosóficas ou não, influenciam seu pensamento e, muitas vezes, orientam os interpretes na compreensão de determinadas passagens que são respostas a essa leitura”. E

ainda na ordem pessoal a biografia do filósofo é também um registro que pode auxiliar a compreender seu pensamento.

Sobre as desvantagens do método genético comenta-se a respeito do risco de o interprete ir além das intenções do autor: o interprete pode pensar ter encontrado origens das teses em fontes externas à obra de um filósofo, Pode fazer vinculações entre o autor e seus contemporâneos ou entre o autor e sua classe social. O autor aponta que não convém afirmar ou determinar inferências de forma decisiva sobre um autor baseando se em elementos que nos dão noção da origem de um conceito. Todavia, ele acrescenta que deve se trazer os elementos históricos para o ensino de filosofia naquele momento em que se ensina os conceitos dos filósofos, recorrer aos elementos extemporâneos para facilitar a compreensão dos conceitos sem abrir mão do mergulho nos textos filosóficos.

Sobre o método conceitual, o autor esclarece que:

Esse método trata da análise da obra de um autor tomando como referencia apenas aquilo que está escrito, em se importar com qualquer fator etiológico, Estuda o encadeamento das razões e procura verificar se seu sistema, nessa mesma obra, está coerente. Depois, prosseguindo a análise, comprara os conceitos formulados pelo filósofo em suas outras obras e verifica-lhes a consistência. Por conta desse método, muitas vezes, identificam se mudanças na formulação de conceitos em um mesmo filósofo. Ao renunciar a seus conceitos em obras anteriores, rompe completamente com eles ou, ainda, se mantém algum elo, apesar de sua declarada ruptura. (ALMEIDA JUNIOR, 2011, p.45)

E identifica como maior desvantagem desse método o fato de não ser considerada a perspectiva das transformações dos conceitos que se encontram no interior da obra de um filósofo. O autor nos diz que a exigência de coerência entre os conceitos, desconsidera que no decorrer do tempo entre a concepção de um conceito e o avanço da idade de quem o concebeu, podem ocorrer mudanças que provocam a reformulação desse conceito, por exemplo, novas leituras, novos contatos intelectuais, com certeza, mudam ou ampliam a forma de pensamento de um filósofo.

Nas considerações sobre: *Tempo Lógico e o Tempo Histórico na interpretação de sistemas filosófico*, aponta-se que ensinar história ou história das ideias não é o objetivo de um professor de filosofia, ensinar conceitos no pensamento de um filósofo ou algum determinado conceito é o que se espera na docência em filosofia. Esse objetivo proposto requer o auxílio de determinados recursos, o professor de filosofia pode “recorrer às informações, por exemplo, sobre o *período histórico no qual o filósofo viveu*, porque

nenhuma Filosofia se faz fora do espaço e do tempo, à *biografia intelectual do filósofo*, pois ele procura responder a problemas que percorrem a história da Filosofia.” (2011 p.46).

O Ensino de filosofia deve ser orientado também pelos textos dos filósofos, após a explicação do conceito em um determinado fragmento é necessário localizá-lo no pensamento de um determinado filósofo. O autor esclarece que ensinar um determinado conceito filosófico é o objetivo central independente de qual abordagem – histórica, conceitual ou problematizante – o professor escolher.

Num breve debate do autor com as idéias de Kant, ele comenta sobre o *aprender Filosofia historicamente* e diz:

Ora, é possível ensinar Filosofia ou o conceito dos filósofos como objeto de estudo sem a pretensão de que aprender os conceitos dos filósofos é filosofar. Mas o fato é que parece importante, para toda a comunidade, que o exercício do filosofar seja feito pelo estudo cuidadoso da história da Filosofia. (2011, p.46).

E acrescenta que segundo Kant é possível ensinar filosofia historicamente, pois, é estudando a história da Filosofia que se pode filosofar por conta própria.

Outra questão lembrada pelo autor se refere à possibilidade de ensinar Filosofia sem que se caia no dogmatismo, sem querer que os conceitos dos filósofos sejam a verdade sobre determinado tema.

I.IV A perspectiva problematizante no ensino de Filosofia

Trataremos agora de uma importante etapa do processo de ensino de filosofia que é a problematização. Na segunda parte do artigo Os Eixos de organização dos Conteúdos e a Problematização em Filosofia Almeida Junior (2012) discute o “eixo problemático” e explica o motivo de concebê-lo como uma proposta didática e não como um eixo estrutural dos conteúdos de filosofia.

Primeiramente o autor esclarece que o termo “eixo problemático” apesar de correto, não será utilizado por ser considerado inadequado à sua pesquisa, ele adota a expressão “abordagem problematizante” e investiga o que seria tal abordagem a partir de teóricos da educação e do ensino de filosofia.

No campo da reflexão sobre a educação, através da leitura de Zanoto e De Rose *Problematizar a própria realidade: análise de uma experiência de formação contínua*, o autor verificou a concepção das autoras sobre a ação de problematizar na formação dos professores e acredita que ela também possa ser aplicada no trabalho com os alunos. Na concepção proposta pelas autoras, elas afirmam que a ação de problematizar ocorre em três momentos: identificar problemas, buscar fatores explicativos e propor soluções. O autor cita o trecho abaixo que menciona as seguintes características da ação problematizante:

[...] 2) Ênfase no sujeito ativo, porque só dessa maneira ele constrói conhecimentos; 3) ter noção de problema tomado no sentido da reflexão filosófica, porque é preciso resgatar a problematicidade do problema [...]; a práxis é importante – se o problema se refere a algo que não se sabe, mas é preciso saber, melhor se este problema estiver relacionado à realidade de quem problematiza, para que a explicação e a solução redundem numa transformação dessa realidade –, a realidade é ponto de partida e de chegada. (ZANOTO; DE ROSE, 2003, p.49).

Aplicado no ensino de filosofia, o ato de problematizar não é somente identificar problemas filosóficos e mostrá-los aos alunos, é necessário tornar os problemas da História da Filosofia interessantes para os alunos, para que despertem a motivação para a pesquisa e reflexão, desse modo poderão de tornar sujeitos do conhecimento.

Almeida Júnior aponta que a *abordagem problematizante* não é um eixo estrutural dos conteúdos, ou seja, não se trata dos conteúdos filosóficos, trata-se de um meio para estabelecer uma relação ativa entre a História da Filosofia e os alunos, é uma proposta didática. Ele destaca que segundo Zanotto e De Rose a ação de problematizar é essencialmente didática e que, portanto, pode ou não ser utilizada nos eixos histórico, temático, ou de áreas da filosofia.

Para melhorar a compreensão de sua perspectiva da problematização como proposta didática, o autor explica o que seria o oposto da abordagem problematizante que é a abordagem narrativa através do teórico Paulo Freire em *A Pedagogia do Oprimido* (1987). Segundo o autor, Paulo Freire define a abordagem narrativa como uma educação bancária e cita:

Quanto mais analisamos as relações educador – educandos, na escola, em qualquer lugar de seus níveis (ou fora dela), parece que mais podemos nos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdo que, por isso mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer –se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito –

narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos. Há uma quase enfermidade na narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar. (1987, p.57)

O autor verificou que:

A oposição entre a abordagem narrativa, ou bancária, e a abordagem problematizante, ou dialógica, está justamente, no trato com a realidade concreta: “os conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganharia significação.” (FREIRE, 1987, p.57) Paulo Freire define, então como concepção problematizadora da educação que se aplica não somente a didática, mas também a política. Devemos, porém, para este trabalho, concentrarmos na questão didática da problematização. A educação afirma a dialogicidade e se faz dialógica; ela ultrapassa a simples narração. (ALMEIDA JUNIOR, 2012, p.33).

Neste primeiro momento, vimos que a abordagem narrativa não coloca o aluno como sujeito agente que pode construir um novo conhecimento através daquilo que aprende. Daí se percebe a diferença entre a abordagem problematizante e a abordagem narrativa, esta última não estabelece uma ação dialógica que ultrapasse a simples narração, não possibilita que o educando vá além e relacione sua realidade com os conhecimentos adquiridos.

Na segunda parte da reflexão sobre a problematização, o autor se volta para o campo dos estudiosos da filosofia.

Sobre a leitura do artigo de Desidério Murcho, *Os problemas da filosofia*, Almeida Junior concorda que o ensino de filosofia abarca duas realidades: ler e comentar os textos dos filósofos e que a filosofia propriamente dita seria a reflexão sobre os problemas apresentados nestes textos. Ele vai além questionando se podemos ou não refletir sobre problemas que os filósofos não propuseram em seus textos e que também são importantes, tanto para os professores quanto para os alunos.

Quando se pensa a questão de “problematizar o problema” é necessário compreender a dupla relação do pensamento com a realidade, que pode ser compreendida da seguinte forma: a primeira relação seria a *contextualização* e a segunda a *problematização*, primeiramente, compreende-se o problema na perspectiva da história da filosofia; busca-se informações sobre quem era o filósofo, sobre as instituições sociais de seu tempo e o que o levou a elaborar o problema em sua época. Assim, a primeira fase da problematização é uma contextualização.

Vamos expor agora a análise da proposta da *abordagem problematizante* feita pelo autor a partir da leitura de Silvio Gallo e Obiols.

No texto de Gallo (2010), ele define a problematização como um eixo estrutural ou eixo de organização dos conteúdos, o “eixo problemático” que organiza os conteúdos em torno dos problemas tratados pela filosofia, e diz que através do “eixo problemático” pode se abarcar outros dois eixos estruturais definidos por ele como “*eixo histórico*” e “*eixo temático*”, porque a abordagem feita pelo eixo problemático permite tanto o acesso aos temas filosóficos quanto à história da filosofia. Para Gallo, esta abordagem avança para além desses dois eixos porque toma a filosofia como uma ação que motiva e impulsiona o filosofar.

Almeida Júnior concorda com Gallo sobre a *abordagem problematizante* abarcar todos os eixos estruturais, entretanto, discorda que tal abordagem seria um eixo mais amplo que os outros dois, e defende que a *abordagem problematizante* é uma metodologia de ensino que pode ou não ser aplicada em qualquer opção de organização dos conteúdos do professor.

No debate com Rocha foi analisado que sua perspectiva sobre o tema pesquisado difere-se daquela adotada pelos autores anteriores, pois, em sua concepção há três eixos da Filosofia: história, método e problemas. Ele direciona cada um destes eixos para cada nível do ensino, e diz: “[...] no Ensino Fundamental o guia didático e formacional é o método; no Ensino Médio, o guia são os problemas; no Ensino Superior, o guia *deve ser* os estudo rigoroso dos textos clássicos da Filosofia” (ROCHA, 2008, p.123, apud ALMEIDA JUNIOR, 2012).

O autor observou que a reflexão de Rocha discute mais a abordagem metodológica de ensino do que os eixos estruturais e conclui que em sua perspectiva, os eixos estruturais têm a função de organizar os conteúdos expostos no plano de ensino e estão presentes nos três níveis. Ele discorda que a História da Filosofia possa ser um “guia didático” e defende que a História da Filosofia pode ser um eixo estrutural dos conteúdos, pois, a orientação didática ou guia didático para o ensino de filosofia seria, necessariamente, uma abordagem problematizante ou narrativa.

Sobre as reflexões de Obiols (2002), suas estratégias didáticas apontam para três momentos: um início problematizante, um desenvolvimento analítico e um encerramento sintético, que corresponde à distinção “concreto – abstrato – concreto”. O início problematizante foi definido por Obiols da seguinte forma: primeiro o professor coloca um

problema ou uma questão filosófica que será objeto de consideração, é responsabilidade fundamental do professor a colocação do problema, trata-se de uma proposta de trabalho que deve incluir as ações necessárias para que os estudantes façam seu esse problema ou questão filosófica; é uma questão de problematizar o problema e assim provocar perplexidade e despertar interesse para os estudos.

Almeida Júnior explica que a proposta de Obiols trata-se mais de métodos de ensino do que métodos de organização dos conteúdos e diz:

Quando Obiols afirma “ações necessárias” ou “provocar perplexidade” não está se referindo à organização dos conteúdos em eixos, mas em estratégias de ensino. Sua crítica ao ensino tradicional remete-se então, não ao seu currículo, mas ao seu método, entendendo “ensino puramente conceitual” como um ensino narrativo que valoriza mais a memorização do que a aprendizagem significativa. Sua crítica ao “ensino sem conteúdo” nos remete a uma situação na qual o método didático problematizante se impõe sobre o próprio conteúdo da filosofia, portanto, há uma completa ausência dos eixos estruturais neste método. (2012, p.35).

Vimos que o autor identificou a *abordagem problematizante* nas propostas de Obiols não como um eixo de organização dos conteúdos de filosofia e sim como uma proposta didática.

Ao final de suas reflexões com Obiols e Gallo Almeida Junior observou que para ambos os autores, a história da filosofia é necessária para o ensino problematizante, assim, os problemas filosóficos não formam um quarto eixo, pois, estão organizados em estruturas fundamentais: a história, os temas e as áreas da filosofia, ainda que os conteúdos filosóficos apresentem os “problemas de filosofia” como títulos de unidades e subunidades de trabalho.

Sobre a problematização também se constatou que é importante os alunos elaborarem seu problema, o professor apresenta um problema aos alunos e estes devem transformá-lo em um objeto de reflexão no qual identifiquem seus próprios problemas e sejam motivados para os estudos. Por isso, diz o autor: “problematizar o problema é uma estratégia fundamental para que o ensino de filosofia não seja “puramente conceitual”. Evidentemente, a mera narração dos conteúdos de filosofia, por mais que descrevam problemas, não são capazes de fazer com que os alunos tornem seus os problemas da história da filosofia” (2012, p.36).

A preocupação em evitar o ensino puramente conceitual tem sua importância, não só por nos levar a optar por estratégias que motivem os alunos, porque também pode ser motivador para professores e professoras.

Como o professor pode fazer para que os alunos tornem deles os problemas filosóficos? Esta questão foi elaborada pelo autor para explicitar de que modo podemos “problematizar o problema”. Primeiro é necessário que os alunos compreendam como os problemas emergiram na história, qual a situação concreta os produziu? Essa seria a primeira etapa da problematização que é a “contextualização do problema”. Através desta etapa, os alunos podem relacionar as “situações concretas existenciais que vivem” aos problemas expostos nos textos e tomarem para si o que era um problema “alheio”, deste modo, completa-se a segunda etapa da problematização.

Sobre o segundo momento da problematização o autor diz:

O segundo momento, problematizar o problema é, portanto, encontrar formas didáticas de fazer com que os alunos, mais do que entender compreendam o assunto – pois isto a abordagem narrativa também é capaz de fazer – tragam aquela problemática para sua realidade e pensem soluções para os próprios problemas, de forma mediada pelo conteúdo e pelo professor. Problematizar é o momento no qual os alunos, até mesmo para melhor contextualizarem, trazem estas questões para o seu tempo, fazem comparações sobre o momento em que vivem e aquele vivido pelos filósofos; encontrem os problemas do nosso tempo e proponham soluções. Aqui, também necessitam da mediação do professor para que a aula possa ocorrer de modo dialógico e todos se tornem sujeitos do conhecimento. (2012, p.39).

O autor propõe um *exercício do filosofar* que se torna possível através de uma didática que inclua o aluno como sujeito ativo.

A *perspectiva problematizante* foi adquirindo uma definição própria através da discussão com os diferentes estudiosos, o autor demonstrou sua tese de que a problematização não é um aspecto do ensino de filosofia que diz respeito à organização dos conteúdos ou aos conteúdos em si, trata-se de uma proposta didática que requer: a aplicação conceitual, a identificação do problema proposto pelo filósofo ou filósofa, a contextualização do problema e a problematização do problema feita pelo aluno e mediada pelo professor.

Capítulo II

Análise da organização dos conteúdos e da metodologia no livro didático *Filosofando: Introdução à filosofia*.

O objetivo nesse capítulo é demonstrar uma forma de entrarmos em contato com um livro didático de filosofia a partir das reflexões produzidas no interior da própria filosofia. Vamos descrever de que modo as autoras organizaram o livro *Filosofando: Introdução à filosofia*; o primeiro passo é a contextualização: quem são as autoras, como apresentam sua obra – é a parte na qual as autoras demonstram suas perspectivas para o ensino de filosofia– e a organização didática. Depois faremos a síntese das unidades dos capítulos e a identificação dos eixos estruturais dos conteúdos aplicados.

II.I Apresentação do livro *Filosofando*

O *Filosofando* foi escrito pelas autoras: Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires. Maria Lúcia de Arruda é licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e é professora de Filosofia na rede particular de ensino de São Paulo. Maria Helena Pires é doutora em Artes pela Universidade de São Paulo e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Na apresentação as autoras comentam sobre o fato de todos nós elaborarmos questões de âmbito filosófico, por exemplo: “somos seres livres?”, “o que é justiça?” dentre outras. Para as autoras, ao entrarmos em contato com o pensamento dos filósofos podemos enriquecer essas indagações, além de percebermos sua maneira de problematizar o saber estabelecido. As autoras informam que sua obra oferece a opção de fazer o percurso filosófico pela discussão de temas clássicos e do desenvolvimento histórico da disciplina, sem perder de

vista as indagações e os desafios do presente. Elas acrescentam que a obra tem uma variedade de textos, imagens e propostas de atividades para a compreensão dos conteúdos filosóficos e também que tais conteúdos sejam utilizados no exercício de reflexão e ação no mundo atual.

A Organização Didática encontra-se no início do livro e ocupa duas páginas que nos mostram sua estrutura interna. As autoras comentam que sua obra tem: uma organização temática que não exclui a História da Filosofia como referencial constante para a análise dos temas. A abordagem propicia tratar dos assuntos de forma contextualizada, aproximando os conteúdos das realidades do mundo contemporâneo. Essa parte do livro divide-se em dez tópicos e foi elaborada da seguinte forma:

Abertura da unidade que apresenta um sumário dos capítulos que serão estudados na unidade

Abertura do capítulo: contém texto, fotos e obras de arte com a intenção de motivar a reflexão sobre o tema;

Para refletir: que propõe refletir sobre questões de relevância no capítulo,

Glossário;

Quem é? Traz uma breve biografia dos principais pensadores;

Etimologia para esclarecer o significado de termos essenciais na compreensão do texto;

Para saber mais, um tópico pensado para ampliar o entendimento de assuntos relevantes do capítulo e que traz informações complementares que direcionam o aluno para a leitura de textos em outros capítulos; **Ampliando,** constitui-se de infográficos para facilitar a compreensão de assuntos importantes abordados e trazem uma visão contemporânea e reflexiva do tema; **Leitura complementar,** uma seção que está no final de cada capítulo e que traz reportagens atuais, textos de filósofos e estudiosos que podem ampliar as reflexões relacionadas ao tema proposto em cada capítulo; **Atividades:** visa desenvolver a interpretação a compreensão e a capacidade de problematizar e de elaborar textos expositivos e dissertativos; **Vocabulário.**

O Sumário ocupa três páginas e localiza os conteúdos em unidades, os capítulos foram distribuídos nas unidades e se dividem em pequenos tópicos, por exemplo, a Unidade 1 propõe o tema: Descobrindo a Filosofia, em torno dessa proposta desenvolveram-se dois capítulos: **A experiência filosófica** que se apresenta em 7 tópicos e **As origens da filosofia** que se apresenta em 5 tópicos. O Sumário também aponta as partes: Leitura complementar e

Atividades que são inerentes a cada capítulo, além do vocabulário, as sugestões bibliográficas, o índice de nomes e as Sugestões.

II.II Síntese das unidades do livro

Nessa etapa de nosso trabalho vamos fazer uma síntese de cada unidade do livro apresentando seus eixos estruturais: os temas, áreas e história da filosofia; os nomes dos filósofos que aparecem nos excertos de textos estritamente filosóficos; os nomes dos diversos autores dos excertos das diversas áreas do conhecimento que aparecem em cada unidade como forma de estabelecer a interdisciplinaridade; e os demais recursos didáticos utilizados na explicação dos conteúdos.

Unidade I: *Descobrimos a Filosofia*

A primeira unidade do livro contém dois capítulos: *A experiência filosófica* e *As origens da filosofia*. O primeiro capítulo ocupou 10 páginas e o conteúdo foi dividido em sete tópicos que apresentam uma breve biografia do filósofo Sócrates, excertos dos filósofos que se localizam na História da Filosofia Antiga, Moderna e Contemporânea e abordam os temas da Liberdade e do Conhecimento. O capítulo contém tirinhas em quadrinhos e fotos de instalações artísticas além das seguintes seções: Para refletir, Quem é? Leitura Complementar e Atividades. O segundo Capítulo ocupou nove páginas com os conteúdos distribuídos em cinco tópicos que apresentam: excertos dos filósofos da História da Filosofia* Contemporânea; o período pré-socrático com o tema do elemento primordial; informações históricas do período pré-socrático, biografia dos filósofos, imagens de obra de arte que se relaciona aos dois filósofos Heráclito e Demócrito e um mapa da Grécia antiga.

Unidade II: *Antropologia Filosófica*

A segunda unidade tem quatro capítulos ocupando 32 páginas, são eles: *Natureza e Cultura; Linguagem e pensamento; Trabalho, alienação e consumo* e *Em busca da felicidade*. Os temas abordados foram: O homem como ser cultural, a linguagem, o trabalho e a felicidade que se localizam na História da Filosofia nos períodos: Antigo – período clássico–, Moderno e Contemporâneo, nas Áreas da Fenomenologia, Antropologia filosófica, Filosofia da linguagem e Filosofia social.

Observamos que as autoras apresentaram os seguintes recursos didáticos quanto aos conteúdos filosóficos: Excertos dos filósofos e filósofas: Aristóteles, Platão, René Descartes, Baruch Espinosa, John Locke, Karl Marx, Ernst Cassirer, Adam Schaff, Gilles Lipovetsky, Robert Misrahi, Michel Foucault, Maurice Merleau- Ponty, Hannah Arendt, Horkheimer, Herbert Marcuse e André Comte-Sponville; Biografia dos filósofos: Charles Sanders Peirce, Michel Foucault e Baruch Espinosa. Quanto aos conteúdos interdisciplinares: Excerto dos poetas: Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana; Excertos dos sociólogos: Domenico De Masi, Joffre Dumazedier, José de Souza Martins e Pierre Levy; excerto do cientista e astrônomo Carl Sagan; Imagens de obras de artes; pintura rupestre, cartaz de cinema, tirinhas de quadrinhos, fotografias; biografia do lingüista: Roman Jakobson e biografia da artista Olivia Niemeyer.

UNIDADE III: *O Conhecimento*

A terceira unidade tem seis capítulos: *O que podemos conhecer; Ideologias; A lógica; A busca da verdade; A metafísica da modernidade e A crise da razão*. A unidade tem 72 páginas que trazem uma reflexão sobre como apreendemos o real.

Os temas se localizam na História da Filosofia Antiga nos períodos: pré-socrático clássico e helenístico; Filosofia medieval nos períodos patrística e escolástica; Filosofia moderna, Filosofia contemporânea e Fenomenologia. Quanto às áreas da filosofia identificamos: a metafísica em Heráclito e Parmênides, a metafísica em Aristóteles, Filosofia social, Filosofia analítica, Teoria do conhecimento e a Lógica. Os temas presentes nesta unidade são: o conhecimento, a verdade, o ceticismo, ideologia, silogismo e a razão.

A unidade apresenta excertos dos filósofos e filósofas: Parmênides, Platão, Michel de Montaigne, Descartes, Francis Bacon, Kant, Hegel, Karl Marx e Friedrich Engels, Pascal, Auguste Comte, Feuerbach, Nietzsche, Gilles-Gaston Ganger, Michel Foucault, Wittgenstein, Max Horkheimer, André Comte-Sponville, Gilles Deleuze, Sérgio Paulo Rouanet, Gilbert Hottois, Richard Rorty, Scarlett Marton e Arley Moreno; Biografias de Karl Marx, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, René Descartes, Kant, Hegel e Wittgenstein. Quanto aos textos interdisciplinares observamos: excertos do dramaturgo Bertold Brecht; da socióloga Barbara Freitag e do sociólogo Slavozizek; dos Teóricos da retórica: Richard Whateley e Chaim Perelman, do Teólogo Johannes Hessen. E os seguintes recursos didáticos: Tirinhas em quadrinhos, fotografias de diversas obras de artes – mosaico, gravuras, escultura, pinturas,

cartazes, instalações, retrato pintado dos filósofos; trechos de poemas, além de explicações dos temas elaborados pelas autoras.

UNIDADE IV: Ética

Nesta unidade as autoras dividiram os conteúdos em quatro capítulos: *Entre o bem e o mal; Ninguém nasce moral; Podemos ser livres? e Teorias Éticas*, que ocuparam 31 páginas. A Ética que identificamos como uma área da filosofia é o eixo estrutural principal, o tema central é a moral que foi abordado através de várias perspectivas percorrendo diferentes períodos da História da Filosofia, também foram abordados os demais temas que giram em torno da moral: a liberdade e o bem e mal. Os temas se localizam na História da Filosofia Antiga – período clássico e helenístico –; Filosofia moderna, Filosofia contemporânea – Existencialismo e Fenomenologia; nas Áreas: Ética, Metafísica – metafísica em Heidegger – e Filosofia social.

A unidade apresenta excertos dos seguintes filósofos e filósofas: Aristóteles, Platão, Epicuro, Espinosa, Kant, Habermas, Adorno, Horkheimer, Sartre, Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty, Nietzsche, Stuart Mill, Hannah Arendt, Manuel Garcia Morente, José Arthur Gianotti, Ernst Tugendhat, Karl-Otto Apel, Fernando Savater, Giovanni Reale, Scarlett Marton, Roberto Machado, Gilles Lipovetsky; biografias dos filósofos: Habermas, Merleau-Ponty. Com relação à interdisciplinaridade foram apresentados excertos de autores das diferentes áreas do conhecimento: dos psicólogos – Burrhus Skinner e Lawrence Kohlberg; do poeta Fernando Pessoa, do general romano Pompeu, do sociólogo Robert Henry Srouf, do escritor literário João Guimarães Rosa, da socióloga Barbara Freitag, do dramaturgo Sófocles.

Outros recursos didáticos interdisciplinares que aparecem nos capítulos desta unidade são: pinturas, esculturas; tirinhas de quadrinhos; fotos de cena de cinema, de encenação de peça de teatro, de manifestações públicas – contra a construção de uma mesquita por iniciativa da comunidade turca radicada na cidade alemã de Colônia e contra o programa nuclear da Coreia do Norte; da representação do interior de um harém, da atriz Leila Diniz e do cantor Jimmy Hendrix.

UNIDADE V: Filosofia Política

Na unidade as autoras mostram como os filósofos refletiram sobre a política. A unidade tem seis capítulos que foram distribuídos em 61 páginas: *Política para que?; Direitos*

Humanos, A política Normativa, A autonomia da política, As teorias socialistas e O Liberalismo. O eixo estrutural principal é área Filosofia Política, os temas abordados são: o poder, o totalitarismo, a democracia, os direitos humanos, as teorias políticas na Filosofia antiga e medieval, o contratualismo, as teorias socialistas e o liberalismo.

Os temas foram tratados em diversos períodos da História da Filosofia, por exemplo, Temas: a teoria política em Platão na História da Filosofia: Filosofia Antiga– período clássico; o agostinismo político na Filosofia Medieval no período patrístico; o contratualismo na Filosofia Moderna; as teorias socialistas e o poder na Filosofia Contemporânea; a democracia na Filosofia Antiga e Contemporânea.

As autoras apresentaram excertos dos seguintes filósofos e filósofas: Platão, Aristóteles, Immanuel Kant, Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Jean-Jaques Rousseau, John Locke, Montesquieu, Karl Marx, Antonio Gramsci, Henry Thoreau, Gilbert Hottois, Olgária Matos, Gerard Lebrun, Norberto Bobbio, André Comte-Sponville, Hannah Arendt, Claude Lefort, Marilena Chaui, Wener Jaegger. Na sessão Quem é? Encontramos as pequenas biografias de Thomás de Aquino, Nicolau Maquiavel, Jean-Jaques Rousseau, Antonio Gramsci, John Maynard Keynes.

Na abordagem interdisciplinar encontramos excertos de autores de outras áreas do conhecimento: Maria Victoria Benevides Soares (socióloga), Carlos Alberto Idoeta (Jurista), Bernado de Claraval (filósofo e abade francês) Dante Alighieri (escritor e político), Talcides (historiador), Jean Touchard (historiador francês), Gloria Regonini (Socióloga). Quantos aos recursos que se referem às artes encontramos: pinturas, fotos de manifestações políticas, fotos de cenas de filmes, fotos de instalações, gravuras, charge, cartazes, esculturas e tirinhas de quadrinhos.

UNIDADE VI: Filosofia das Ciências

Esta unidade trabalha com a Área Filosofia das Ciências em quatro capítulos. Na abertura da unidade as autoras apresentaram uma cronologia das descobertas científicas desde a antiguidade greco-romana até a idade contemporânea. Na antiguidade Greco-romana destacam-se dois nomes: Tales de Mileto (filosofia e matemática) e Ptolomeu (sistema geocêntrico), Euclides (geometria), Arquimedes (mecânica); na idade média: Roger Bacon (óptica); idade moderna Renascimento: Copérnico (sistema heliocêntrico), Gutemberg (imprensa); idade moderna: Newton (gravitação universal), Lavoisier (química), Galileu

(física e astronomia); idade contemporânea: Mendel (genética) , Darwin (evolucionismo), Einstein (teoria da relatividade), Freud (psicanálise), Crick/Watson (DNA-1953), Origem da internet (década de 1970).

As autoras propõem um debate entre a ciência e a filosofia através de questões como a seguinte: “Estaria a ciência livre das injunções do poder, sejam elas religiosas, econômicas ou políticas?”. Os eixos de organização dos conteúdos utilizados são a História da Filosofia: antiga, medieval e contemporânea. A unidade apresenta excertos dos seguintes filósofos: Gérard Fourez, George F. Kneller, Hugh Lacey, Karl Jaspers, Marco Zingano, Umberto Eco, Colin Ronan, Giordano Bruno, Denis Huisman, Pierre Duhem, Alexandre Koyré, Gilles-Gaston Granger, Simone de Beauvoir, Maurice Merleau-Ponty. José Silveira da Costa. Na seção Quem é? Encontramos as breves biografias de: Roger Bacon, Galileu Galilei, e Sigmund Freud.

Quanto à abordagem interdisciplinar as autoras citaram excertos de diversos autores de outras áreas do conhecimento: René Dubos (ambientalista e humanista), David Brody (advogado e pesquisador de história das ciências), Galileu Galileu (físico, astrônomo), Charles Darwin (naturalista), Bertold Brecht (dramaturgo), Émile Durkheim (sociólogo), Burrhus Skinner (psicólogo), Sigmund Freud (psicanalista), Auguste Comte (sociólogo).

Os demais recursos didáticos interdisciplinares são: pinturas, por exemplo, quadro representando o julgamento de Galileu Galilei, afresco “A escola de Atenas” representando Platão apontando para o alto – o mundo das ideias– e Aristóteles apontando para baixo indicando a realidade concreta; mapa celeste de Andreas Cellarius; fotografias de cientistas examinando plantas em estufa e de uma cerimônia em frente ao Memorial da Paz, em Hiroshima, lembrando vítimas da bomba atômica lançada na cidade.

UNIDADE VII: *Estética*

A última unidade do livro aborda a Estética, uma área da filosofia dedicada à compreensão do que é a arte num sentido mais profundo. As autoras colocaram algumas questões na apresentação com o propósito de orientar a compreensão do novo aprendizado proposto: “o que é uma obra de arte?” “O conceito de belo é universal ou relativo a um tempo e um período?” “O gosto varia de sujeito para sujeito ou é algo universal?” “Por que a estética tem ligação com a arte?”.

O primeiro capítulo da unidade faz uma introdução ao conceito de estética. O segundo capítulo trata da diferença entre arte e cultura. O terceiro capítulo trabalha a arte como forma de pensamento e aborda as funções da arte explicando o que é a função pragmática ou utilitária, a função naturalista e a função formalista. O quarto capítulo é sobre a significação na arte, as autoras explicam: A especificidade da informação estética; o conceito de função poética da linguagem; o papel das vanguardas artísticas; o conteúdo da obra de arte; a educação em arte e a importância de saber ler uma imagem. O último capítulo tem treze sub-capítulos que vão explicar as diversas concepções estéticas que construíram a história da arte. É um trabalho que permite ao aluno compreender as influências da filosofia na definição do que é a arte em cada período histórico.

Os eixos estruturais ou eixos de organização dos conteúdos utilizados pelas autoras são a História da Filosofia: antiga, medieval, moderna e contemporânea; a área central que conduz os estudos é a Estética.

As autoras fizeram referências dos seguintes filósofos: Alexander Gottlieb Baugartem, Aristóteles, Platão, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, René Descartes, Kant, Hegel, John Locke e Jacques Derrida. Observamos excertos dos seguintes autores: Mikel Dufrenne (filósofo francês), Anne Cauquelin (professora emérita de filosofia) Guillaume Apollinaire (escritor e crítico de arte), Ernst Cassirer (filósofo), Nicolas Baurriaud (curador e crítico de arte), Susanne Langer (filósofa). Orhan Pamuk (escritor literário), Carlos Drumond de Andrade (poeta), Jorge Coli (professor de história da arte e história da cultura), Sebastião Uchôa Leite (poeta), Ferreira Gullar (poeta), André Malraux (Escritor de assuntos políticos e culturais), Ana Paula Ragazzi (jornalista), Donald Crawford (advogado), André Malraux (escritor de assuntos políticos e culturais), Nicolas Bourriaud (curador de arte). Rolf Kühn (clarinetista de jazz e saxofonista).

No tópico “Quem é” vemos as biografias de Leda Catunda que é formada em artes plásticas; Alexandre Gottlieb Baugartem, filósofo alemão que ministrou o primeiro curso de Estética; os irmãos gêmeos: Otávio e Gustavo que são artistas grafiteiros; Teixeira Coelho professor de literatura e artes; Gustavo Lacerda que é fotógrafo; Mikell Dufrene, filósofo francês que dedicou se ao estudo da Estética. Win Wenders, cineasta, dramaturgo e fotógrafo; José Roberto Aguilar, pintor, videomaker, performer, escultor, escritor, músico e curador; Sandra Guinle, artista escultora; Henrique Oliveira, artista multimídia – trabalha com escultura e pintura–; Jaques Derrida, filósofo argelino.

Nesta unidade dividimos por categorias os objetos artísticos apresentados como recursos didáticos pelas autoras

Pinturas: *As três Graças* [1987], de Leda Catunda. *Figura* [1964], de Ivan Serpa. *A noite estrelada* [1889], de Vincent Van Gogh. *New York* [1942], de Piet Mondrian. *O raiar do sol* [1989], detalhe da pintura de E. Bulatov. *Olympia* [1863], de Edouard Manet. *Futebol 3* [1966] de José Roberto Aguilar. *Pastores árcades* [1638-1640], de Nicolas Poussin. *Oficial infantaria ao ataque* [1812], de Théodore Géricault. *Retrato do papa Inocêncio X* [1650], de Diego Velázquez. *Retrato do papa Inocêncio X* [1953], de Francis Bacon. *A cultura Tarascan ou Purechan de Michiocan* [1945], mural de Diego Rivera.

Tira de quadrinhos: *Calvin e Haroldo* [1992], de Bill Watterson. *Pepê e Jotabê*, de Walter Kostner. *Recruta Zero* [2012], de Greg e Mort Walker.

Esculturas: *Bamboleando* [2005], de Sandra Guinle. *Discóbolo*, cópia romana em mármore do original feito pelo ateniense Miron, por volta de 450 a.C.

Outras obras: *A Fonte* [1917], obra de Marcel Duchamp, trata-se de um ready-made (um objeto industrializado reutilizado como arte). *São Paulo* [2008], Grafite de Os Gêmeos. *Tapumes* [2009], obra de Henrique Oliveira. *Manto Tupinambá*, produzido com penas de guará por indígenas brasileiros.

Fotografias: Museu Guggenheim construído em Bilbao na Espanha, Partenon [construído em Atenas no século V a.C.], Festa Bumba meu boi, São Luis do Maranhão [2008], O Pelourinho, em Salvador [BA], *Andressa* [2009], fotografia que faz parte do projeto *Albinos* que foi desenvolvido por Gustavo Lacerda. *Tela ao ar vivo* [2007], de Wim Wenders.

II.III Suplemento ao professor

Apresentaremos a última parte do livro, a qual nos familiarizou com importantes instrumentos didáticos, são eles: o vocabulário, as sugestões bibliográficas, o índice de nomes e sugestões e o Suplemento do professor.

O vocabulário é específico da disciplina Filosofia, contém definições importantes para o esclarecimento conceitual dos diversos conteúdos estudados nas unidades. Nas sugestões

Bibliográficas, a bibliografia básica apresenta títulos de dicionários de filosofia, de livros da História da Filosofia e livros introdutórios. A bibliografia por assunto sugere obras para áreas: Ética, Lógica, Filosofia da Ciência, Estética e Política. No tópico Sugestões, para cada capítulo há uma lista de filmes, livros e sites que podem servir como suporte de pesquisa tanto para o professor, quanto para os alunos.

O Suplemento para o professor tem por objetivo auxiliar a prática de ensino, apresenta-se da seguinte forma: Sumário, Introdução, parte I, parte II e parte III.

Na introdução é apresentado um breve histórico do ensino de filosofia no Brasil e a sua inclusão como disciplina obrigatória a partir de 2009. O assunto foi dividido em quatro tópicos: *Os primeiros tempos, A filosofia: entre facultativa e obrigatória, o período da ditadura militar e Lei de diretrizes e bases [LDB] nº 9.394/1996.*

A parte I: “**O Ensino da Filosofia**” trata das questões, *Porque estudar filosofia? Reflexão inicial sobre o método, Filosofia e transdisciplinaridade, da Filosofia como produto ou como processo? Desenvolvendo competências, A leitura analítica, A produção de textos e trabalhos filosóficos, A avaliação e Biblioteca Pessoal.* Esta sessão também contém uma bibliografia sobre o ensino de Filosofia.

Na segunda parte “**A Obra na sala de aula**” as autoras apresentam sugestões para escolha do programa e comentários sobre o conteúdo das unidades e de cada capítulo. Elas explicam que sua obra tem uma *estrutura temática* e que a escolha de temas não exclui a História da Filosofia como referencial constante, chamando-nos atenção para “[...] o cuidado que tiveram em sempre retomar o percurso que certos conceitos fizeram no tempo e na perspectiva de diversos pensadores, dependendo da temática abordada.” (2013, p.25). Explicam também sobre a inclusão de leituras complementares ao final de cada capítulo, a importância consiste em favorecer o contato do aluno com os textos filosóficos e dizem: “em alguns momentos recorreremos a artigos ou textos literários, a fim de que o aluno os interprete sob olhar filosófico e não apenas informativo ou estético.” (2013, p.25).

Outra orientação que nos chama a atenção é sobre a escolha do conteúdo das aulas, a importância em estarmos atentos ao estágio em que se encontram nossos alunos e seu universo circundante. A intenção é selecionar assuntos e procedimentos que possibilitem o desenvolvimento da competência filosófica, então, se o programa for elaborado antes de se conhecer os alunos, é necessário considerar alterações para adequar-se às circunstâncias.

A sessão III apresenta as repostas das atividades.

Capítulo III

Proposta pedagógica dos livros didáticos: *Filosofando: introdução à filosofia e Iniciação à Filosofia.*

No primeiro momento vamos apresentaras orientações pedagógicas e metodológicas presentes no suplemento do professor dos livros *Filosofando: Introdução à Filosofia e Iniciação à Filosofia*. No primeiro projeto pedagógico as autoras colocam questões importantes como: qual o objetivo de estudar filosofia, os riscos de instrumentalizar a filosofia, a transdisciplinaridade, os conteúdos importantes para os alunos iniciantes e como ensinar filosofia. No segundo projeto a autora informa que sua obra propõe uma perspectiva pedagógica própria, a qual vai sintetizar em três bases: *A leitura do aluno; Filosofia e conjuga no plural; Interpretara palavra é interpretar o mundo*. Posteriormente vamos observar de que modo as autoras propõem a problematização nos dois projetos pedagógicos.

III.I Proposta pedagógica do livro *Filosofando*

Por que estudar filosofia? As autoras tratam desse questionamento para nos lembrar de sua importância; quem de nós – acadêmicos do curso de filosofia – nunca ouviu essa questão? E iremos ouvir de nossos alunos no futuro. A questão faz emergir o desconforto com a disciplina por seu caráter aparentemente inútil, considerando-se que no mundo atual haja pouca disposição voltada para reflexão. Vivemos num mundo dominado pela imagem, pelo efêmero, pela velocidade e voltado para soluções imediatistas, o mundo virtual exerce fascínio sobre as pessoas e principalmente sobre os mais jovens.

Todavia, mesmo com estas características dos tempos atuais, as autoras comentam sobre o crescente interesse pelo debate filosófico, que não ocorre de modo explícito, mas subjaz ao questionamento cotidiano de questões, políticas, éticas e estéticas. Muitos acontecimentos do mundo atual podem fazer surgir debates que encontrem respostas no âmbito filosófico, por exemplo, sobre a legalização do aborto, o casamento entre homossexuais, o direito a Eutanásia, sobre o confronto entre países democráticos e os submetidos a tiranias laicas ou religiosas.

Aranha e Martins (2013) apontam para o desafio de atrair a atenção dos jovens para a experiência conceitual da filosofia, pelo fato deles desconhecem a utilidade da disciplina e dizem: “Mas será justamente a riqueza dessa informação diária a que estão submetidos que vai construir o solo em que poderão ser contextualizados inúmeros temas para tornar explícita a argumentação de natureza filosófica” (ARANHA; MARTINS, 2013, p.8). Se oferecida a oportunidade, qualquer ser humano pode desenvolver um olhar filosófico, independentemente de seu modo de vida, profissão ou religião.

Quanto à metodologia, as autoras comentam os desafios para o professor ao escolher seu método para o ensino de filosofia. Os filósofos não são unânimes em relação as regras do método, eles percorrem diferentes caminhos para elaborar suas teses. Neste sentido se comparados com os cientistas percebe-se a diferença fundamental, na ciência se estabelece um modelo comum a todos os cientistas de um determinado campo do saber, num dado período. Na Filosofia existe certa flexibilidade tanto de conteúdo quanto na escolha do método empregado, entretanto, as autoras atentam para a importância e preocupação com a metodologia do ensino de filosofia e justificam lembrando que o professor deve manter um compromisso pedagógico com seus alunos, isso, exige cuidados com a metodologia.

Sobre o risco de instrumentalizar a filosofia

Vamos falar do que nós enquanto professores não devemos fazer em sala de aula, seguindo as orientações das autoras: “O compromisso do professor com o exercício do filosofar decorre do fato de que não cabe a ele encaminhar os alunos na direção “certa” ou “guiá-los como um farol” para que não se extraviem” (ARANHA; MARTINS, 2013, p.9). A sala de aula deve ser um espaço de discussão de conceitos, de exposição plural de ideias, não devemos transmitir convicções, é importante dar oportunidade aos educandos para que

desenvolvam competências necessárias para pensar por conta própria e desse modo atingir a autonomia racional.

Será neutro o ensino de filosofia?

Segundo as autoras, perguntar sobre a neutralidade no ensino de filosofia é uma questão metodológica e dizem: “Um professor de filosofia cristão ou ateu, liberal ou marxista, platônico ou nietzschiano pode ou não repercutir nas aulas e sua formação e preferências?” Então, considerando que é uma ilusão a total neutralidade nessa área, elas destacam três aspectos importantes na formação dos professores-educadores:

Qualificação: o professor precisa adquirir os conhecimentos indispensáveis ao ensino de um conteúdo específico;

Formação pedagógica: a atividade educativa supera os níveis do senso comum, para se tornar uma atividade sistematizada;

Formação ética e política: o professor educa com base em valores. (ARANHA; MARTINS, 2013, p.09).

A sala de aula é um espaço de pluralismo e da diversidade, por isso, é esperado que no ensino médio, o professor esteja atento para não deixar prevalecer suas preferências e para que seja evitada a prática de proselitismo, porque sempre leva a doutrinação sectária dos alunos. É muito importante oferecer aos educandos um leque maior de concepções filosóficas.

As autoras explicam que com suas ponderações, não pretendem indicar regras de conduta ao professor, mas apenas lembrar sobre a necessidade de estarmos atentos para as alternativas entre a parcialidade e a neutralidade do ensino com o intuito de não instrumentalizar a filosofia.

Como preparar o educando para o exercício da cidadania através da Filosofia?

Este questionamento surge no intuito de esclarecer sobre os objetivos da filosofia no ensino médio e para alertar-nos sobre os riscos da instrumentalização da Filosofia. Conforme as autoras, um documento do MEC, Orientações Curriculares para o ensino médio, elaborado em 2009, ressalta que cabe criticar qualquer tentativa de justificar a filosofia apenas por sua contribuição como instrumental para a cidadania e que não se deve limitá-la apenas a essa função, pois, o seu papel é muito mais amplo. O documento do MEC também indica qual a contribuição específica da Filosofia quanto a formação para o exercício da cidadania, trata-se de desenvolver a competência geral da fala, leitura e escrita- a competência ligada a natureza argumentativa da filosofia e à sua tradição histórica. A capacidade de análise, de

reconstrução racional e de crítica a partir da compreensão da importância de se posicionar diante de textos, tanto filosóficos quanto não filosóficos e formações discursivas não explicitadas em textos, emitir opiniões acerca destes textos e um pressuposto fundamental para exercer a cidadania, então, este seria o objetivo mais específico da Filosofia.

A Filosofia tem como principal característica a problematização de diferentes temas, é o que leva a autonomia do pensar crítico, ao levantar problemas, a filosofia estimula a indagação e fortalece a capacidade de conceituação e argumentação, é nesse sentido que pode favorecer a prática da cidadania.

Sobre Filosofia e transdisciplinaridade

Os Parâmetros Curriculares Nacionais recomendam a articulação dos conhecimentos filosóficos com outros conhecimentos, o objetivo é estabelecer uma interdisciplinaridade entre todas as disciplinas do currículo escolar.

Os educadores têm criticado o nosso modelo escolar que por se constituir de disciplinas isolada, não permite aos alunos uma percepção mais ampla e articulada da realidade.

As disciplinas do currículo devem inserir projetos específicos de interdisciplinaridade de forma que possibilitem aos alunos identificar as conexões entre as diversas expressões do conhecimento. Entretanto, as autoras comentam que a filosofia é por excelência uma disciplina transdisciplinar, pois, a abordagem filosófica diferencia-se das outras disciplinas pela crítica radical ao proceder ao questionamento que lhe é específico. “A filosofia percorre todos os campos da cultura para realizar uma experiência singular de pensamento” (ARANHA; MARTINS, 2013, p.11), a filosofia tem esse aspecto que já a faz ir além de cada disciplina, porque vai abordá-las em seu conjunto.

Segundo as autoras, o fato de seu livro ter privilegiado a abordagem temática facilitou o exercício de interdisciplinaridade. Tanto na distribuição de temas em sete unidades que abarcam um amplo e diversificado leque de pensamento e do agir humano, quanto em todos os capítulos que apresentam inúmeras propostas de reflexão para contextualizar o conhecimento e articular a filosofia com as demais áreas do saber.

Filosofia como produto ou como Processo?

Neste tópico as autoras propõem algumas reflexões sobre o ensino de Filosofia: “Que fins pretendo alcançar com meu curso de filosofia?” “Que conteúdos são mais importantes para o aluno iniciante?” “Como ensinar filosofia?”. E indicam que as respostas a essas indagações variam conforme os pressupostos epistemológicos que servem de base ao professor.

A tendência empirista privilegia a transmissão de conhecimentos acumulados. Neste modelo, há a proposta de programas enciclopédicos com amplo conteúdo. Ele dá ênfase no *produto*, na transmissão da herança deixada pelos filósofos. O problema deste método é a passividade do aluno.

No século XX, a pedagogia criticou a excessiva centralização na figura do mestre que passou a exercer o papel de facilitador da aprendizagem. Assim, o foco se deslocou para o aluno que se tornou mais participativo e a ênfase foi posta no processo e não no produto. Neste novo modelo há o risco de se descuidar do conteúdo quando não se recorre a rica herança da história da filosofia.

As autoras destacam que a aula de filosofia sustenta-se pela história da filosofia, deste modo, a filosofia como processo é indispensável, pois, a intervenção dos alunos não pode girar apenas em torno do que eles já sabem. Por outro lado, o aluno deve ter a oportunidade de expressar sua experiência que é inicialmente fragmentada e difusa para em seguida ser reexaminada à luz de textos relevantes, assim poderá iniciar no processo reflexivo. Vimos que os dois aspectos do ensino de filosofia são importantes e indispensáveis, seja a filosofia como produto, seja a filosofia como processo.

A Leitura Analítica

A leitura de textos filosóficos requer uma técnica ou o desenvolvimento de alguns procedimentos inerentes a esta categoria de leitura. O professor pode orientar seus alunos para facilitar a aprendizagem, neste sentido, as autoras adaptaram livremente o livro de Antonio Joaquim Severino, *Como ler um texto de filosofia*, para nos demonstrar de que modo se desenvolve a leitura analítica – um conjunto de procedimentos que podem facilitar a aprendizagem– e dizem que “A leitura analítica procede conforme os seguintes passos: análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese pessoal” (ARANHA; ARRUDA, 2013 p. 16).

Na análise textual, após uma rápida leitura o aluno identifica o autor, identifica outros nomes se forem relevantes e faz um esclarecimento semântico conceitual, podem ser utilizados alguns dicionários de filosofia.

Na análise temática o leitor aprende e desenvolve as seguintes habilidades: ouvir o autor, o que significa compreender o que se diz no texto, as idéias que são defendidas; identificar o tema central e as idéias secundárias, o objetivo e esclarecer o problema proposto pelo autor. A análise temática identifica a estrutura lógico discursiva do texto que apresenta: introdução, desenvolvimento e conclusão, exceto quando o texto é um fragmento ou tem outra estrutura como por exemplo, o aforismo (texto fragmentado e assistemático) ou em outros em que a filosofia está entremeada ao relato sobre a própria vida do filósofo.

A análise temática requer as respostas de três questões:

Qual é o tema? Qual é o problema que se coloca? Como o autor responde ao problema?

Na análise interpretativa o aluno leitor começa a “dialogar” procura ler nas entrelinhas, levanta hipóteses sobre os seus pressupostos e relaciona as ideias do autor com outras concepções filosóficas. Esta etapa exige um conhecimento anterior da história da filosofia, por isso, é sugerido que o professor inicie com a compreensão dos textos e somente depois prossiga para essa última etapa.

A interpretação de um texto filosófico significa um exercício de crítica. É importante esclarecer aos alunos o que é criticar em filosofia, conforme dizem as autoras, criticar significa ‘julgar’, então: “O juízo *apreciativo* destaca os elementos positivos e negativos do texto ao examinar a coerência [se o autor não se contradiz], se ele consegue solucionar o problema proposto, se avança na discussão, se os argumentos têm fundamento, se é original, e assim por diante.” (ARANHA; MARTINS,2013,p.17).

Na problematização são retomados os temas principais do texto que podem ser ampliados em diversas direções, neste estágio valoriza-se a reflexão autônoma.

A síntese pessoal é a última etapa da análise analítica, nela o leitor já é capaz de se posicionar com mais segurança e autonomia.

III.II Proposta pedagógica do livro Iniciação à Filosofia

No manual do professor, Marilena Chaui(2014) explica que sua obra propõe uma perspectiva pedagógica própria e a explicita em três bases, depois apresenta o tópico *Fundamentação teórico - pedagógica* que trata de um breve histórico do ensino de Filosofia no Brasil e dos objetivos traçados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Na primeira base “A leitura do aluno”, a autora explica que em sua obra, os recursos didáticos e os textos foram elaborados para propiciar aos alunos uma leitura direta e sistemática, contudo, ela explica que não se trata de uma material o qual se aprende o significado por inteiro de uma só vez, pois, o conteúdo requer diferentes leituras, por exemplo, a individual, fora do ambiente escolar; a coletiva que acontecerá em sala de aula; a das caixas de textos, a das imagens, a do professor que será comentada trecho a trecho.

Sobre a segunda base “Filosofia se conjuga no plural” Chauí comenta sobre a importância da neutralidade do professor em relação às tendências filosóficas. Ela esclarece que sua obra trata da formação e da história da filosofia, por isso, discorre sobre a pluralidade do pensamento filosófico e suas múltiplas abordagens. A autora explica que são apresentados, autores, escolas, tendências e campos de investigação, são debatidos e analisados, entretanto, não é estabelecido um juízo de valor sobre eles.

Na última base “Interpretar a palavra é interpretar o mundo”, a autora indica que a tarefa fundamental do ensino de filosofia é contribuir para o pensamento crítico. O objetivo é dotar o aluno de ferramentas que o capacite para interpretar os textos, analisar os conceitos e, simultaneamente, compreender melhor o mundo.

Fundamentação teórico- pedagógica

Conforme Chaui (2014), seu livro define a filosofia como um campo de conhecimento autônomo – tem como perspectiva a atividade e o pensamento filosófico – caracterizado por um método, assim como por um conjunto de temas e conceitos centrais. A autora preocupa-se em manter um diálogo interdisciplinar tanto com as Ciências Humanas e suas tecnologias quanto com as demais áreas e salienta a importância da interdisciplinaridade, dado o vínculo intrínseco que todas as áreas do saber possuem com a filosofia na história do pensamento ocidental.

Chaui explica que segundo as orientações dos objetivos traçados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que foram detalhados no Edital do Programa Nacional do Livro Didático para 2015, um livro de filosofia de Ensino médio, deve incentivar a constituição da “autonomia, da reflexão, e da pluralidade de perspectivas sob as quais são consideradas desde a experiência social imediata até o conjunto de saberes estabelecido”. Assim, esse princípio geral influenciou três desdobramentos importantes que caracterizam a elaboração de sua obra.

Primeiramente, compreender que o ensino de filosofia deve se conectar as indagações da experiência cotidiana e baseada nelas, construir os conceitos e os princípios do pensamento filosófico.

Em segundo lugar, Chaui diz que em seu livro, a filosofia pressupõe o estudo da história da filosofia e das condições materiais que deram forma e sentido ao surgimento e ao desenvolvimento da atividade filosófica. Há uma inter-relação complexa entre a história social, econômica e o pensamento: de um lado, a filosofia expressa os dilemas de seu tempo, procurando responder as questões oriundas da experiência concreta dos seres humanos em uma determinada sociedade; de outro, a filosofia também tem sua história, desse modo vai constituindo um diálogo com a sociedade à medida que lança novos olhares e influencia as transformações culturais.

O terceiro desdobramento diz respeito à constituição de um método próprio da filosofia que a diferencia das outras Ciências Humanas e lhe permite relacionar-se com determinados objetos sob um ponto de vista único, original. A autora explica que os fundamentos do método de sua obra estão explicitados nos dois primeiros capítulos, porém percorrem toda a estrutura do livro.

Para Chaui trata-se de compreender a filosofia como “pensamento sistemático”, ou seja, é o resultado do trabalho intelectual e da apropriação de determinadas ferramentas de análise, reflexão e crítica sobre o ser humano, suas ideias e sua interação com o mundo. Assim, afasta-se a filosofia do risco de vulgarizar a atitude filosófica, de considerar um simples conjunto de ideias e opiniões.

III.III A problematização nos dois projetos pedagógicos.

No projeto pedagógico do livro *Filosofando* as autoras comentam sobre a problematização no tópico *Leitura Analítica* que se divide em cinco passos para facilitar a leitura dos textos filosóficos: análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese pessoal. Na análise temática, o aluno identifica o tema, o problema proposto pelo filósofo e como ele responde ao problema; na análise interpretativa o leitor começa a “dialogar” como o autor, levanta hipóteses sobre seus pressupostos e relaciona com outras concepções filosóficas as ideias propostas.

Por último, na problematização, são retomados os principais temas que aparecem no texto podendo ser ampliados nas mais diversas direções, ou seja, é o momento que valoriza a reflexão autônoma do aluno. As autoras dizem que a participação dos alunos em debates é mais proveitosa se for antecedida pela análise de textos ou por pesquisas que enriquecem a argumentação, elas afirmam que a problematização depende dos conhecimentos que a pessoa ou o grupo dispõe.

Vimos que para as autoras a problematização percorre um caminho que se inicia a partir da leitura dos textos filosóficos, é ressaltada a importância da história da filosofia e da contextualização estudados para que os alunos sejam capazes de problematizar e fazer suas próprias reflexões.

No projeto pedagógico do livro *Iniciação à Filosofia*, a autora não discutiu de modo explícito sobre a problematização no ensino de filosofia.

Conclusão

Através da leitura dos textos sobre o ensino de Filosofia e dos livros didáticos pudemos compreender vários elementos importantes que auxiliam nas competências para a prática em sala de aula: a forma de escolher e organizar os conteúdos, um conhecimento adquirido através da explicação teórica sobre os eixos estruturais. Compreendemos que ao elaborar um plano de curso, podemos optar por três eixos: História da Filosofia, Áreas e Temas.

Há dois métodos que podem ser utilizados para a exposição dos conteúdos, o método genético e o método conceitual, no nosso entendimento, é importante tentar conciliar o uso dos dois métodos para melhor trabalhar a filosofia em sala de aula, lembrando a necessidade de considerar os aspectos problemáticos que envolvem ambos.

Identificamos a distinção entre proposta didática e eixo estrutural, foi possível a compreensão de que os eixos estruturais referem-se à organização dos conteúdos, já a proposta didática é parte da metodologia de ensino. A perspectiva problematizante – definida como proposta didática – possibilitou o entendimento de como trabalhar os conceitos dos filósofos e filósofas em sala de aula.

Tivemos conhecimento sobre a dupla função da filosofia, a primeira que propõe ensinar filosofia, seus conteúdos, os conceitos elaborados no campo filosófico, e a segunda que propõe o exercício do filosofar. O ensino de filosofia deve considerar a importância de partir dos textos filosóficos e dos problemas neles propostos para levar os alunos a problematizarem a realidade e realizarem a experiência filosófica, podendo, assim, tornarem-se sujeitos ativos que constroem o próprio conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, J.B. Fundamento teórico metodológico do ensino de Filosofia. **Educação em Revista**, Marília, v.12, n1, p 39-50, Jan- Jun. 2011. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/>> Acesso em 20/ 02/ 2018.

ALMEIDA JÚNIOR, J.B. Os eixos de organização dos conteúdos e a problematização no ensino de Filosofia. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 13, n. 01, p.24 – 30, Jan - Jun. 2012.<<http://www.revistas.udesc.br/>> Acesso em 20/02/2018.

ARANHA, M. L. de; MARTINS, M. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2013. 512 p.

CBC. **Conteúdo Básico Comum**. Autores: BIRCHAL, Telma; KAUARK, Patrícia; MARQUES, Marcelo. Governo do Estado de Minas Gerais, Secretária de Estado de Educação. Disponível: < <HTTP:// crv.educacao.mg.br.> >

CHAU, M. **Iniciação à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014. 456 p.

DANELON, M. Ensino de Filosofia e currículo: um olhar crítico aos parâmetros curriculares nacionais (ciências humanas e suas tecnologias e orientações para o Ensino Médio: Filosofia).**Cadernos de história da Educação**, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 109-129, jan-/jun. 2010.

GALLO, Sílvio. Ensino de Filosofia: avaliação e materiais didáticos. **Coleção Explorando o Ensino. V. 14**.Coor. Gabriele Cornelli, Marcelo Marques e Marcio Danelon. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

GALLO, Sílvio. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na Educação Básica. Dossiê ensino de Filosofia. **Revista Educação em Filosofia**, Uberlândia,v. 22, n.44, p.55-78, jan./ jun.2010.

GOLDSCHMIDT, V. **A religião de Platão**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1963.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. (**Orientações curriculares para o Ensino Médio**, volume 3).

MURCHO, D. A natureza da Filosofia e seu ensino. Dossiê Ensino de Filosofia. **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 22, n.44, p.79-100, jul./ dez.2008.

PALACIOS, G. A. Perguntas autoritárias: a questão do método, as monografias e o filosofar. Dossiê Ensino de Filosofia. **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, v.22, n.44, p. 101-112, jul./dez. 2008

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OBIOLS, G. Uma introdução ao ensino de Filosofia. **Coleção Filosofia e Ensino**. Trad. Silvio Gallo. Ijuí: Unijuí, 2002.